

A FILOSOFIA COMO ATIVIDADE CRIATIVA PARA JACQUES DERRIDA EM “FORÇA E SIGNIFICAÇÃO”¹

Cinthia Almeida Lima²

Resumo: Jacques Derrida (1930-2004) em “Força e Significação”, capítulo publicado na obra *A Escritura e Diferença* (1967), aponta a cultura majoritariamente estruturalista no ato de filosofar, tece críticas ao método filosófico estruturalista, relaciona o estruturalismo ao platonismo convencional e direciona sua filosofia da linguagem a uma “filosofia do sentido” que se afasta de uma “filosofia da significação”. Nesse estudo, com alicerce no referido texto, serão apresentadas breves considerações sobre a atividade criativa da filosofia para Derrida.

Palavras-chave: Jacques Derrida; Estruturalismo; Platonismo convencional; Filosofia da significação; Filosofia do sentido.

Abstract: Jacques Derrida (1930-2004) in *Strength and Signification*, chapter published in the work *The Scripture and Difference* (1967) points out the predominantly structuralist culture in the act of philosophizing, criticizes the structuralist philosophical method, relates structuralism to conventional platonism, and directs his philosophy of language to a “philosophy of sense” that moves away from a “philosophy of signification”. In this study, based on that text, brief considerations on the creative activity of philosophy for Derrida will be presented.

Keywords: Jacques Derrida; Structuralism; Conventional platonism; Philosophy of signification; Philosophy of sense.

Sou censurado – desconstrucionistas são censurados – por não argumentar ou por não gostar de argumentação, etc., etc. Isto obviamente é uma difamação.
(DERRIDA, 2016, p. 120)

Introdução

Jacques Derrida (El Biar, Argélia, 15 de julho de 1930 - Paris, 9 de outubro de 2004) foi um filósofo franco-magrebino, nascido em uma família de origem Judaico Serfadita, influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) e pelo pensamento de

¹ Parte deste trabalho foi apresentado a título de comunicação na *VIII Jornada sobre Linguagem: Tradução, Psicanálise e Justiça* realizada entre os dias 28 e 30 de julho de 2020 e promovida pelo Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da Universidade Federal de Sergipe – GEFILUFS.

² Advogada, graduanda, mestra e doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe.

Martin Heidegger (1889-1976), admirado principalmente pelos poetas concretistas, os quais fizeram parte do “Concretismo” – movimento vanguardista artístico-literário que chegou ao Brasil no início dos anos 50 e propôs uma nova forma de linguagem e apresentação textual que foram de encontro às tradicionais estruturas textuais–, Derrida ficou conhecido pelos críticos de seu trabalho intelectual como o “filósofo da desconstrução”³, por seu afastamento de uma “escrita cartesiana”, “proposicional” e de uma linguagem eminentemente dialética.

Os desconstrucionistas buscam em seus escritos literários e filosóficos, uma forma de linguagem que se afaste da “linguagem matematizada”. Segundo Derrida, os desconstrucionistas são censurados e difamados por não gostarem ou não quererem argumentar, o que obviamente, de acordo com ele, não se sustenta em seus textos e suas obras. Partindo em defesa do desconstrucionismo, ele alega ainda que sua intenção nunca foi reduzir a filosofia à literatura e vice-versa, uma vez que sempre esteve atento às diferenças e distinções entre essas duas maneiras de escrita e formas de linguagem⁴.

As obras de Jacques Derrida são de grande importância para a área de Ciências Humanas, a exemplo de: *Gramatologia* (1967), *Estrutura, Signo e Jogo no Discurso das Ciências Humanas* (1972), *Margens da Filosofia* (1972), *A disseminação* (1972) e *Espectros de Marx* (1993). Especialmente na *Gramatologia*, o referido autor pensa sobre uma ciência da escrita, sobre o estudo da escritura em razão da tradição ser “logocêntrica” e “fonocêntrica”, e, em *Espectros de Marx*, busca ainda a desconstrução de conceitos da tradição de Estado e um retorno às ideologias marxistas. Assim, Derrida é um escritor e filósofo que pode ser estudado em várias áreas do saber, além de textos filosóficos e literários, Derrida escreveu sobre gramática, artes, pintura, teatro e cinema, e tais textos, diante de uma “postura antidogmática” e de “desmontagem da linguagem” podem ser utilizados em reflexões sobre a sociedade, a história, a cultura, a política e, até mesmo sobre as estruturas das universidades.

Um dos seus principais textos que lhe conferiu o título de “filósofo da desconstrução” é *Força e Significação* publicado na obra *A Escritura e Diferença* (1967) e escrita em sua fase

³ De acordo com William de Siqueira Piauí em seu artigo *Derrida e a capacidade superior de formalização da literatura: uma introdução*, Jacques Derrida “[...] durante sua vida participou intensamente da cena filosófica associada ao movimento denominado “desconstrução”; [...] e [...] antes mesmo de suas importantes e extensas obras *Escritura e Diferença* (1967), *A voz e o fenômeno* (1967), *Gramatologia* (1967), *Margens da filosofia* (1972) e *A disseminação* (1972), já em 1964, Derrida ficou conhecido por ganhar o prêmio Jean-Cavaillès (1903-1944), prêmio concedido a trabalhos na área de epistemologia; isso se deu por conta de sua tradução, com introdução e notas, da obra *A origem da geometria* (*Der Ursprung der Geometrie*) do filósofo Edmund Husserl (1859-1938), tradução publicada em 1962 e que recebeu o título *Introdução a “A origem da geometria” de Husserl*. Aquele prêmio levou o argelino aos Estados Unidos da América, país onde ele trabalharia muitas vezes e onde sua filosofia teria grande influência. [...]” (2017, p. 178)

⁴ DERRIDA, Jacques. Observações sobre desconstrução e pragmatismo. In: CRITCHLEY, Simon. *et al. Desconstrução e Pragmatismo*. MOUFFE, Chantal. (org.). 1. ed. Tradução de Victor Dias Maia Soares. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016, p. 119-121.

de juventude. Neste texto, Derrida, através da sua “ideia de desconstrução”⁵, busca o distanciamento da literatura, assim como da filosofia, da ótica de uma análise pautada pelo estruturalismo, ou mais precisamente pelo método estruturalista⁶, e propõe uma postura de filosofar diferente da filosofia praticada no seio da comunidade acadêmica⁷, isto é, entende que a filosofia não deve se restringir a história da filosofia, mas sim deve ser identificada como uma filosofia “descolonizada” do método estruturalista europeu⁸, bem como também aponta, no seu texto, a oposição que se dá entre “forma e significação” e “força e sentido” na “criação poético-literária” e por extensão na “criação filosófico-conceitual.

O interesse de Derrida pela filosofia aconteceu posteriormente ao seu despertar literário. Mas, mesmo diante de seu amor declarado pela literatura, Derrida nunca deixou de se dizer um filósofo. Em seu texto *Margens da Filosofia*, Derrida entende a filosofia como uma espécie de gênero literário:

Uma tarefa então é prescrita: estudar o texto filosófico na sua estrutura formal, na sua organização retórica, na sua especificidade e diversidades de seus tipos textuais, nos seus modelos de exposição e produção – para além daquilo que outrora se chamava os gêneros – no espaço também das suas encenações e numa sintaxe que não seja apenas a articulação dos seus significados, das suas referências ao ser ou à verdade, mas a ordenação de seus processos e de tudo o que aí se investiu. Em suma, considerar também a filosofia como um “gênero filosófico particular, extraído da reserva de uma língua, arranjando, forçando ou desviando um conjunto de recursos trópicos mais antigos” do que a filosofia. (DERRIDA, 1991, p. 334)

Diante dessas considerações iniciais, nesse estudo, serão apresentadas breves considerações sobre a atividade criativa da filosofia para Derrida em *Força e Significação*, texto no qual aponta a cultura majoritariamente estruturalista no ato de filosofar, tece críticas

⁵ Para Audemaro Taranto Goulart: “A proposta de Derrida recebeu o nome de “desconstrução”, denominação bastante sugestiva uma vez que o mecanismo de abordagem do texto consistiria, fundamentalmente, no desmonte mesmo do texto, visando a que se pusesse a descoberto tudo quanto nele existe, inclusive os significados que não se ofereciam explicitamente ao leitor. [...]” (2003, p. 2)

⁶ Para Cloves Thiago Dias Freire, “[...] Derrida argumenta contra algumas características fundamentais do método de análise do estruturalista, isto é: ser fiel às análises internas de uma obra; tomar a “forma da obra, ou a forma enquanto obra”; compreender a “história intrínseca da obra”, e o seu “platonismo convencional”, com vistas a “proteger a verdade e o sentido internos da obra”. (2017, p. 209)

⁷ Disserta Edilamara Peixoto de Andrade que “Jacques Derrida, um dos principais nomes do pensamento da desconstrução nos apresenta no texto *Força e significação* uma maneira de pensar a filosofia e o fazer filosófico, distante do que é praticado na maioria dos espaços acadêmicos, uma vez que aquilo que ele vem chamar de “invasão estruturalista”, ao que nos parece tem cada vez mais tomado conta desses espaços, legando o fazer filosófico a um superestruturalismo que compreende o texto como o espaço que abriga por si mesmo todo o sentido daquilo que está escrito, como se ele fosse capaz de carregar dentro de si tudo aquilo que podemos compreender acerca de um dado pensamento.” (2016, p. 115-116)

⁸ São seguidores do método estruturalista ou do estruturalismo: Claude Lévi-Strauss (1908-2009); Michel Foucault (1926-1984) e Louis Althusser (1918-1990). Para Nicola Abbagnano: “[...] o E. [Estruturalismo], globalmente considerado, é ao mesmo tempo método de investigação, análise epistemológica e posicionamento filosófico. Se bem que haja autores nos quais o E. [Estruturalismo] é sobretudo prática científica (p. ex. Lévi-Strauss) e outros nos quais é sobretudo reflexão epistemológica e filosófica (p ex., Foucault e Althusser) [...]”. (2012, p. 441)

ao método filosófico estruturalista, relaciona o estruturalismo ao platonismo convencional e direciona sua filosofia da linguagem à uma “filosofia do sentido” que se afasta de uma “filosofia da significação”.

As críticas de Jacques Derrida ao método filosófico estruturalista e a relação do estruturalismo com o platonismo convencional

O texto *Força e Significação* é dividido em duas partes. Na parte I, Derrida aponta a cultura majoritariamente estruturalista⁹ no ato de filosofar, tecendo críticas a esse método filosófico, no intuito de que a “reflexão universal receba hoje um impulso espantoso de uma inquietação sobre a linguagem” (DERRIDA, 2014, p. 12).

Já na parte II de *Força e Significação*, Derrida tem como objetivo a análise do que ele denomina de “ultraestruturalismo”¹⁰ (*Ibid.*, p. 31) que tem o método geométrico e o pré-formismo¹¹ como duas de suas características fundamentais, bem como discorre sobre uma “genealogia da metáfora”¹².

Segundo Hilton Japiassú e Danilo Marcondes no *Dicionário básico de filosofia*, estruturalismo é “a doutrina filosófica que considera a noção de estrutura fundamental como conceito teórico e metodológico” e “a concepção metodológica em diversas ciências (linguística, antropologia, psicologia etc.) que tem como procedimento a determinação e a análise de estruturas”. O estruturalismo é também o método de investigação científica estabelecido pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) em sua obra *Cours de linguistique générale* (Curso de linguística geral) de 1916 na qual afirma ser a “linguagem a predominância do sistema sobre os elementos, visando extrair a estrutura do sistema através

⁹ Importante entender que para Derrida “[...] jamais se poderá, portanto, por uma reflexão segunda ou terceira, submeter o estruturalismo do séc. XX (em especial o da crítica literária, que participa vivamente do concerto (ao objetivo colocado por um crítico estruturalista em relação ao séc. XIX: contribuir para uma "história futura da imaginação e da sensibilidade" [...])” (DERRIDA, 2014, p. 12)

¹⁰ Para Derrida, “[...] a estrutura, o esquema de construção, a cor-relação morfológica torna-se de fato e apesar da intenção teórica a única preocupação do crítico. Única ou quase. Não mais método na *ordo cognoscendi*, não mais relação na *ordo essendi*, mas ser da obra. Lida-mos com um ultra-estruturalismo.” (DERRIDA, 2014, p. 31)

¹¹ Segundo Derrida, pré-formismo é a “[...] doutrina biológica bem conhecida, oposta a um epigenetismo, e segundo a qual a totalidade dos caracteres hereditários estaria contida no germe, em ato e com dimensões reduzidas que já respeitariam contudo as formas e as proporções do futuro adulto. [...]” (DERRIDA, 2014, p. 49)

¹² Segundo Freire, “Derrida propõe aqui, possivelmente, uma ruptura com a sintaxe proposicional da escritura que privilegia não só a unidade indestrutível da palavra como também a autoridade do nome. Ao postular uma genealogia da metáfora, busca romper com estruturas totalizantes. O uso da metáfora na escritura enquanto liberdade criadora representa este exercício da linguagem que não cede ao domínio do sentido proposicional (verdadeiro/falso).” (DERRIDA, 2017, p. 2013)

da análise das relações entre os elementos” (2017, disponível em: http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf).

Além da crítica ao método estruturalista, Derrida relaciona o estruturalismo ao platonismo (ou platonismo convencional)¹³ ou neoplatonismo assim como fez o crítico literário suíço da literatura francesa, especialmente da literatura barroca do final da Renascença e início do século XVII, Jean Rosset (1910-2002)¹⁴, em sua obra *Forme et signification, Essais sur les structures littéraires de Corneille à Claudel* (1962)¹⁵ e examina a partir dessa obra como o método estruturalista afetava, até aquele momento, a crítica literária.

No primeiro parágrafo da parte I do referido texto, Derrida adverte que se um dia a “invasão estruturalista” (*Ibid.*, p. 10) fosse extirpada do ato de fazer história da filosofia essa seria uma situação problemática para o “historiador das ideias”, uma vez que a este, diante do método estruturalista do seu filosofar, não é permitido inovar através do uso da linguagem, mas apenas “fazer uma filosofia” partindo de uma “leitura estrutural” do texto e de uma compreensão de que o texto bastaria em si mesmo. No segundo parágrafo, Derrida manifesta sua inquietação em levantar uma reflexão universal sobre a linguagem, que para ele “só pode ser uma inquietação da linguagem e na própria linguagem” (*Ibid.*, p. 11) e tece críticas ao pensamento ocidental, especialmente ao modo de filosofar francês, entendendo que não há uma atividade eminentemente criadora na postura estruturalista dos historiadores da filosofia, mas sim uma “geometrização” do texto por parte dos estruturalistas.

Nos parágrafos que se seguem, Derrida expõe como a filosofia “vive da fecundidade estruturalista” (*Ibid.*, p. 14) e segue na busca de entender “o que é fazer filosofia” a partir do afastamento do estruturalismo e da aproximação com a crítica literária. Para ele, “na estrutura não há apenas a forma, a relação e a configuração. Há também a solidariedade; e a totalidade, que é sempre concreta” (*Ibid.*, p. 15). Derrida faz referência de que para J. P. Richard, “a

¹³ De acordo com Freire, “o filósofo estruturalista francês Victor Goldschmidt (1914-1981), em sua obra *A religião de Platão* (1970), estabelece um método de leitura que, no seu entendimento, é o melhor método de análise na interpretação dos sistemas filosóficos (1973, p. 139). Como veremos mais adiante, parece-nos que Derrida se reportará constantemente aos postulados de Goldschmidt quando acusa o estruturalismo de platonismo convencional.” (DERRIDA, 2017, p. 209)

¹⁴ Segundo Derrida: “[...] Como tantos outros, ontem ou hoje, Rousset ergue-se sem dúvida contra esse “platonismo” ou “neoplatonismo”. Mas não esquece que, se a criação pela “forma fecunda em idéias” (Valéry) não é pura transparência da expressão, é contudo e simultaneamente revelação. [...]” (DERRIDA, 2017, p. 25)

¹⁵ Sobre Jean Rousset, Derrida expõe que: “É certo que Rousset reconhece parentescos e filiações: Bachelard, Poulet, Spitzer, Raymond, Picon, Starobinski, Richard, etc. Contudo, apesar do ar de família, das inspirações e das homenagens de reconhecimento, *Forme et signification* parece-nos ser, sob muitos aspectos, uma tentativa solitária.” (DERRIDA, 2017, p. 17) e “[...] Rousset expõe o seu propósito numa notável introdução metodológica que se tornará sem dúvida, com a introdução a *Univers imaginaire de Mallarmé*, uma parte importante do discurso do método em crítica literária. Ao multiplicar as referências introdutórias, Rousset não dissolve o seu propósito, antes tece uma rede que realça a sua originalidade.” (DERRIDA, 2017, p. 17)

perspectiva estrutural em crítica literária é interrogativa e totalitária” (*Ibid.*, p. 15) e que ao se fazer a leitura do livro supracitado *Forme et signification, Essais sur les structures littéraires de Corneille à Claudel*¹⁶ de Jean Rousset surge assim uma inquietação em relação à linguagem e pela procura de um método que melhor se adeque aos anseios da crítica literária, isto é, a partir da leitura da obra de Rousset e de sua crítica literária e diante da expressão “Forma e significação”, Derrida parte na busca de elucidar os contornos da expressão “Força e sentido”.

Derrida expõe que o pensamento de Rousset traz o entendimento de que “no fato literário, a linguagem forma um todo com o sentido, que a forma pertence ao conteúdo da obra” (*Ibid.*, p. 18), e que para Kant, em suas obras *Critique de la raison pure e a Critique du jugement*, ao desenvolver a noção de imaginação, esta “já é em si própria uma arte” (*Ibid.*, p. 18), isto é, “arte, sem dúvida, mas “arte escondida” que não se pode “expor a descoberto perante o olhar”” (*Ibid.*, p. 18). Além disso, Derrida acrescenta que através da estética, pela representação da imaginação (faculdade produtiva de conhecer) é possível a criação de uma segunda natureza a partir da natureza real (*Ibid.*, p. 18-19). Nesse caso, o crítico de arte que se direciona à procura da imaginação e do belo esquematiza sem conceito em razão da liberdade da imaginação (*Ibid.*, p. 19). Assim, nesse momento da sua exposição, Derrida faz uma comparação entre os pensamentos de Kant e de Rousset no que tange ao objeto da crítica estruturalista ser a “origem enigmática da obra como estrutura e unidade indissociável” (*Ibid.*, p. 19) e tece uma reflexão de que para os críticos literários a denominação “conceito operatório” utilizada por alguns filósofos deve ser superada a fim de que se inicie uma outra reflexão sobre o que seja “conceito temático” (*Ibid.*, p. 19).

Para Derrida, a crítica literária ou a crítica filosófica ao se deter no “ato literário” ou “no ato filosófico” (escritura ou leitura) e na apreensão da imaginação criadora só realiza tais atos a partir de um direcionamento ao “invisível interior da liberdade poética”¹⁷ (*Ibid.*, p. 19)

¹⁶ Esclarece Derrida que: “É certo que Rousset reconhece parentescos e filiações: Bachelard, Poulet, Spitzer, Raymond, Picon, Starobinski, Richard, etc. Contudo, apesar do ar de família, das inspirações e das homenagens de reconhecimento, *Forme et signification* parece-nos ser, sob muitos aspectos, uma tentativa solitária.” (*Op. cit.*, p. 17)

¹⁷ Derrida, a partir de sua crítica às filosofias da presença, disserta que “para aprender mais de perto a operação da imaginação criadora, é preciso portanto virarmo-nos para o invisível interior da liberdade poética. É preciso separarmo-nos para atingir na sua noite a origem cega da obra [literária, *ex nihilo*?]. [...] Pois se trata de uma saída para fora do mundo em direção a um lugar que nem é um não lugar nem um outro mundo, nem uma utopia nem um alibi. [...] esse nada essencial a partir do qual tudo pode aparecer e produzir-se na linguagem, e acerca do qual a voz de Blanchot nos lembra com insistência da profundidade que é a própria possibilidade da escritura e de uma inspiração literária em geral. Só a ausência pura – não a ausência disto ou daquilo – mas a ausência de tudo em que se anuncia toda a presença – pode inspirar, ou por outras palavras trabalhar, e depois fazer trabalhar. [...] O livro puro, o livro em si, deve ser, pelo que nele é mais insubstituível, esse livro sobre nada com que sonhava Flaubert. [...]” (*Op. cit.*, p. 19-20)

ou ao interior da liberdade filosófica. Tal imaginação criadora ou criativa só vem à tona no momento que a crítica literária ou a crítica filosófica atribui ao signo um papel diferenciado do papel da significação¹⁸. Para ele, tanto na “crítica literária” quanto no “fazer filosófico”, diferentemente de uma “história da filosofia”, há que se buscar uma crítica que alcance uma dimensão criadora e um movimento de desconstrução¹⁹. Então, Derrida, a partir de sua crítica às filosofias da presença, disserta que:

[...] para aprender mais de perto a operação da imaginação criadora, é preciso portanto virarmos-nos para o invisível interior da liberdade poética. É preciso separarmos-nos para atingir na sua noite a origem cega da obra [literária, *ex nihilo?*]. [...] Pois se trata de uma saída para fora do mundo em direção a um lugar que nem é um não lugar nem um outro mundo, nem uma utopia nem um alibi. [...] esse nada essencial a partir do qual tudo pode aparecer e produzir-se na linguagem, e acerca do qual a voz de Blanchot nos lembra com insistência da profundidade que é a própria possibilidade da escritura e de uma inspiração literária em geral. Só a ausência pura – não a ausência disto ou daquilo – mas a ausência de tudo em que se anuncia toda a presença – pode inspirar, ou por outras palavras trabalhar, e depois fazer trabalhar. [...] O livro puro, o livro em si, deve ser, pelo que nele é mais insubstituível, esse livro sobre nada com que sonhava Flaubert. [...]” (*Op. cit.*, p. 19-20)

Em *Força e Significação*, Derrida faz referência a Leibniz²⁰ e entende que “escrever não é apenas pensar o livro leibniziano como possibilidade impossível. Possibilidade impossível, limite propriamente designado por Mallarmé” (*Ibid.*, p. 23), e faz referência, como também cita algumas passagens de duas de suas obras: *Teodicéia* e *Mímica* (poema em prosa de Mallarmé) (*Ibid.*, p. 22 e 23). Nessas obras é possível identificar a “capacidade superior de formalização da literatura” na opinião de Derrida, e como explica William Piauú em artigo sobre tal capacidade acima citado na nota 3, Leibniz “será duramente criticado em “Força e Significação” em *Escritura e diferença* no que diz respeito a noção de livro (associada ao livro ou palácio dos destinos) defendida na *Teodiceia*.” (2017, p. 183). Derrida ainda frisa que: “nada mais desesperante, nada destrói os nossos livros como o Livro leibniziano” (*Ibid.*, p. 24).

¹⁸ Segundo Derrida, “[...] É quando o escrito está defunto como signo-sinal que nasce como linguagem; diz então o que é, por isso mesmo só remetendo para si, signo sem significação, jogo ou puro funcionamento, pois deixa de ser utilizado como informação natural, biológica ou técnica, como passagem de um sendo a outro de um significante a um significado. [...]” (*Op. cit.*, p. 26)

¹⁹ Assim, para Derrida, “a desconstrução se move no espaço do indecível, é uma forma de linguagem que não se prende a uma estrutura ou a um conceito, mas se dá na fenda, na abertura. Enquanto os estruturalistas tentam recriar todo o sentido de uma obra a partir da sua estrutura, a desconstrução se desenvolve pela “destruição” dos conceitos e das estruturas que enclausuram toda a construção filosófica e, ao mesmo tempo impede a filosofia de criar, de inovar ou construir um novo sentido aos conceitos que já existem. O estruturalismo aprisiona o sentido ao passo que a desconstrução o liberta.” (ANDRADE, 2016, p. 119)

²⁰ Segundo Derrida: “Escrever não é apenas saber que pela escritura, pela ponta do estilo, não é necessário que o melhor passe, como o pensava Leibniz da criação divina, nem que essa passagem seja de *vontade*, nem que o consignado *exprima* infinitamente o universo, se lhe assemelhe e o reúna sempre. É também não poder fazer preceder absolutamente o escrever pelo seu sentido: fazer descer deste modo o sentido mas elevar ao mesmo tempo a inscrição. [...]” (*Op. cit.*, p. 24)

Derrida então adverte no aludido texto que “o sentido deve esperar ser dito ou escrito para se habitar a si próprio e tornar-se naquilo que a diferir de si é: o sentido”²¹ (*Ibid.*, p. 24). Isso significa que Derrida ao propor um afastamento da crítica literária e do filósofo do método estruturalista, faz surgir ao “ato literário”²² e ao “fazer filosófico” o desenvolvimento da “destruição da estrutura”²³, ou, das estruturas²⁴, e conceitos²⁵, o que permite que essas atividades sejam eivadas de criatividade, onde “criar é revelar”²⁶, e o texto literário, assim como o filosófico, isto é, a escritura deixa de ter apenas “um sentido único, uma verdade única e exclusiva”, mas que toda escritura seja recriada, e sentidos possam revelar-se nela.

Sobre a insurgência de Rousset contra o platonismo ou neoplatonismo, contra a “anterioridade simples da ideia”, designio interior ou a crítica tradicional idealista²⁷ (*Ibid.*, p. 25), Derrida comenta que Rousset ao dialogar com a crítica literária clássica, visando compreendê-la, afasta o estatismo da forma da obra, “uma forma que a sua realização parece liberar do trabalho, da imaginação, da origem pela qual contudo pode unicamente continuar a significar” (*Ibid.*, p. 29), além disso, o mesmo autor “visa realmente essa totalidade de uma coisa e de um ato, de uma forma e de uma intenção, de uma entelúquia e de um devir, essa totalidade que é o fato literário como forma concreta” (*Ibid.*, p. 29), assim sendo, Jacques Derrida na primeira parte de *Força e Significação*, entende que a poesia, ao ser o acesso à palavra livre (*Ibid.*, p. 26), isto é, a liberdade poética tem o poder de revelar a verdade da linguagem, ou melhor, de fazer aparecer a “verdadeira linguagem”. Portanto, a liberdade da palavra intrínseca a poesia tem o poder de desconstruir a estrutura, ou, estruturas, e conceitos do texto literário ou filosófico.

²¹ Para Derrida: “É o que Husserl nos ensina a pensar em *A Origem da Geometria*.” (*Op. cit.*, p. 24)

²² “O ato literário reencontra assim na sua origem o seu verdadeiro poder.” (*Op. cit.*, p. 24)

²³ Diz Derrida que: “A estrutura é na verdade a unidade de uma forma e de uma significação. É certo que às vezes a forma da obra, ou a forma enquanto obra, é tratada *como se* não tivesse origem, como se, também na obra-prima (e Rousset só se interessa pelas obras-primas), o destino da obra não tivesse história. Não tivesse história intrínseca. E nesse ponto que o estruturalismo parece muito vulnerável e que, por toda uma dimensão — que está longe de a cobrir inteiramente —, a tentativa de Rousset corre também o risco de platonismo convencional. Obedecendo à intenção legítima de proteger a verdade e o sentido *internos* da obra contra um historicismo, um biografismo ou um psicologismo (que aliás espreita a *expressão* de “universo mental”), arriscamo-nos a não mais prestar atenção à historicidade interna da própria obra, na sua relação com uma origem subjetiva que não é simplesmente psicológica ou mental.” (*Op. cit.*, p. 28)

²⁴ Explica Derrida: “Chamarei “estruturas” estas constantes formais, estas ligações que revelam um universo mental e que cada artista reinventa conforme as suas necessidades” (p. XII).” (*Op. cit.*, p. 28).

²⁵ Assim, para Derrida, “[...] mais importante que recuperar a estrutura de um texto é destruí-la, é necessário o desmantelamento dos conceitos e das estruturas, [...]” (ANDRADE, 2016, p. 119)

²⁶ De acordo com Rousset que “não volta as costas à crítica clássica.” (*Op. cit.*, p. 26).

²⁷ Importante destacar que para o filósofo desconstrucionista “[...] a análise idealista (estruturalista) de uma obra, a partir de seu designio interior, não passaria de um preconceito, pois acredita que uma obra se exprime a partir de seu fundamento ideal. Derrida classificará esta teoria como uma teologia (*Religião de Platão*), uma crença absoluta na forma e na estrutura. Um modelo metafísico que não se apresenta na escritura.” (FREIRE, 2017, p. 214)

Em *Desconstrução e pragmatismo*, em suas “observações sobre desconstrução e pragmatismo”, Derrida (2016, p. 122-123) esclarece que nunca teve qualquer intuito de confundir literatura e filosofia ou até mesmo de fazer qualquer redução da filosofia à literatura. A literatura era de grande interesse de Derrida e ela [a literatura] tem “o direito de dizer tudo”, principalmente sobre questões que são então objeto de reprimenda na filosofia. Além dessas considerações acima, Derrida afirma sim ser um filósofo e querer permanecer um filósofo, e que se tem algo que aprendeu com Husserl, com as então grandes figuras da história da filosofia, “foi a necessidade de pôr questões transcendentais para não cair na fragilidade de um incompetente discurso empirista” (*Ibid.*, 125), o que permitiu a renovação de questionamentos transcendentais, bem como o afastamento do empirismo, do positivismo e do psicologismo.

Da filosofia da significação à filosofia do sentido

Na parte II de *Força e Significação*, Derrida expõe que a única preocupação do crítico literário (e por extensão do crítico filosófico) é a estrutura, a correlação morfológica, o que ele identifica como ultraestruturalismo²⁸. Para ele, “*stricto sensu*, a noção de estrutura só comporta referência ao espaço, espaço morfológico ou geométrico, ordem das formas e dos lugares” (*Ibid.*, p. 31). Aqui, o desconstrucionista trata das noções de “força, espaço, tempo e movimento”²⁹ atreladas à obra literária ou filosófica.

Na obra literária, como também filosófica, não se deve confundir sua geometria³⁰, isto é, “a unidade geométrica da obra” com o sentido intrínseco existente nela, devendo o crítico reconhecer o “sentido metafórico da noção de estrutura” (*Ibid.*, p. 31), isto é, o sentido em seu modelo geométrico há que ser destruído pela “descortinação” do sentido metafórico da obra. O sentido metafórico da obra quando de sua análise precisa ser então questionado e a não-espacialidade ou espacialidade original da obra então ser evidenciada.

²⁸ Para Freire: “Este ultraestruturalismo, principalmente, compreende a forma como coisa literária, que comporta uma referência ao espaço, estrutura enquanto espaço geométrico (geometrismo). A obra possui, assim, uma unidade interna, uma arquitetura que é unificada na identidade plasmada da forma. [...] (2017, p. 214)

²⁹ De acordo com Andrade, “na parte II o filósofo se debruça sobre dois exemplos que serão determinantes para a compreensão da sua forma de pensar, a saber: geométrico e performista. A partir desses exemplos, são pensadas as noções de força, espaço, tempo e movimento.” (2016, p. 116)

³⁰ Segundo Derrida, “essa geometria é apenas metafórica, dirão. É certo. Mas a metáfora nunca é inocente. Orienta a pesquisa e fixa os resultados. Quando o modelo espacial é descoberto, quando funciona, a reflexão crítica baseia-se nele. De fato e mesmo que não o confesse.” (*Op. cit.*, p. 33)

Para Derrida, estrutura é a junção do que se denomina “estrutura formal e da intenção” (*Ibid.*, p. 32) e o estruturalista ou adepto da norma metódica do estruturalismo³¹ é aquele que se prende “em primeiro lugar à organização do sentido, à autonomia e ao equilíbrio próprio, à constituição acabada de cada momento, de cada forma; é recusar deportar para a categoria de acidente aberrante tudo o que um tipo ideal não permite compreender” (*Ibid.*, p. 47). O estruturalista ao geometrizar a obra desconsidera a força da escritura, e por consequência despreza a liberdade imaginativa do texto literário ou filosófico, gerando assim a impossibilidade de criação de sentido.

Importante lembrar que o texto *Força e Significação* de Jacques Derrida surge a partir das inquietações que o livro *Forme et signification, Essais sur les structures littéraires de Corneille à Claudel*³² de Jean Rousset³³ lhe trazem sobre a linguagem, livro este que lhe faz incidir em sua crítica ao ultraestruturalismo³⁴. Assim, de acordo com Derrida, na crítica literária ou filosófica a libertação da linguagem como “metafísica das oposições” é o que o crítico deve buscar, sem, no entanto, libertar-se da busca do sentido. O crítico literário ou filosófico deve então se desprender das amarras da leitura estruturalista³⁵, afastar-se do geometrismo e pré-formismo do texto e percorrer o caminho da leitura geneticista, conforme Victor Goldschmidt (1973, p. 139) assim nomeia a leitura que “considera os dogmas como efeitos, sintomas, de que o historiador deverá escrever a etiologia” (*apud* FREIRE, 2017, p. 209). Portanto, a leitura derridiana é uma leitura criadora que se fundamenta na liberdade

³¹ “Que o estruturalismo moderno tenha, surgido e se desenvolvido na dependência, mais ou menos direta e confessada, da fenomenologia, eis algo que bastaria para o tornar tributário da mais pura tradicionalidade da filosofia ocidental, aquela que, para além do seu antiplatonismo, reconduz Husserl a Platão. [...]” (*Op. cit.*, p. 48-49)

³² Para Derrida: “Em *Forme et Signification*, o geométrico ou o morfológico só é corrigido por uma mecânica, jamais por uma energética. *Mutatis mutandis*, poderíamos ser tentados a censurar a Rousset, e através dele ao melhor formalismo literário, o que Leibniz censurava a Descartes: ter querido explicar tudo na natureza por figuras e movimentos, ter ignorado a força confundindo-a com a quantidade de movimento.” (*Op. cit.*, p. 33)

³³ De acordo com Derrida, “[...] Rousset não parece afirmar, na sua *Introdução* teórica, que toda a forma seja bela, mas apenas aquela que se entende com o sentido, aquela que se deixa entender por nós porque é em primeiro lugar conivente com o sentido. [...]” (*Op. cit.*, p. 38)

³⁴ “O mais grave é que este método, “ultra-estruturalista”, como dissemos, em certos aspectos, parece contradizer aqui a mais preciosa e a mais original intenção do estruturalismo. Este, nos domínios biológico e linguístico onde se manifestou pela primeira vez, aspira principalmente a preservar a coerência e a completude de cada totalidade no seu nível próprio. Proíbe que se considere em primeiro lugar, numa dada configuração, a parte inacabada ou defeituosa, tudo aqui por que ela o apareceria como a antecipação cega ou o desvio misterioso de uma ortogênese pensada a partir de um *idos* ou de uma norma ideal.” (*Op. cit.*, p. 46-47)

³⁵ Segundo Derrida, “[...] se esta “dialética” da força e da fraqueza é a finitude do próprio pensamento na sua relação com o ser, não pode ser dita na linguagem da forma, por sombra e luz. Pois a força não é obscuridade, não está escondida sob uma forma da qual seria a substância, a matéria ou a cripta. A força não se pensa a partir do par de oposição, isto é, da cumplicidade entre a fenomenologia e o ocultismo. Nem, no interior da fenomenologia, como o *fato* oposto ao *sentido*.

“É preciso portanto tentar libertarmo-nos desta linguagem. Não *tentar* libertarmo-nos dela, pois é impossível sem esquecer a *nossa* história. Não *libertarmo-nos* dela, o que não teria qualquer sentido e nos privaria da luz do sentido. Mas resistir-lhe tanto quanto possível, é preciso em todo o caso não nos abandonarmos a ela com esse abandono que é hoje a má embriaguez do formalismo estruturalista mais complexo.” (*Op. cit.*, p. 49)

poético-literária e na liberdade filosófico-conceitual, e que se direciona para a criação do sentido da obra literária ou filosófica.

Considerações finais

Nesse breve estudo, tecemos considerações sobre o texto “Força e Significação”, capítulo publicado na obra *A Escritura e Diferença* (1967) de Jacques Derrida no qual ele apontou o método estruturalista eminentemente no ato de filosofar, teceu críticas ao método filosófico estruturalista, relacionou o estruturalismo ao platonismo convencional, como também direcionou sua filosofia da linguagem à uma “filosofia do sentido” que se afasta definitivamente de uma “filosofia da significação”.

A desconstrução da linguagem é o alicerce dos textos literários e filosóficos de Derrida e a dicotomia entre “forma e significação” e entre “força e sentido” dá-se na “criação poético-literária” e na “criação filosófico-conceitual”.

Assim, consideramos que, para Derrida, o fazer filosófico é uma atividade criadora de conceitos que deve se distanciar de filosofias da referência e que o fazer filosófico deve partir da história da filosofia. A filosofia da linguagem de Derrida é uma “filosofia do sentido”, uma filosofia que procura se afastar absolutamente da “reificação” da linguagem e de uma filosofia da referência ou da significação.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 6. ed. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ANDRADE, Edilamara Peixoto de. “Entre o estruturalismo e a desconstrução: Uma reflexão acerca do pensamento de Jacques Derrida em *Força e Significação*”. *Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia*, Faculdade Católica de Pouso Alegre, Pouso Alegre, v. VIII, n. 19, p. 115-128, Ano 2016.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relime Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. “Força e Significação”. In: DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. Debates. 2. ed. Equipe de realização: tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da

Silva; revisão de Mary Amazonas Leite de Barros, produção de Ricardo W. Neves e Adriana Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 11-52.

DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.

DERRIDA, Jacques. “Observações sobre desconstrução e pragmatismo”. In: CRITCHLEY, Simon. *et al. Desconstrução e Pragmatismo*. MOUFFE, Chantal. (org.). 1. ed. Tradução de Victor Dias Maia Soares. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016, p. 119-134.

FAUSTINO, Silvia. “Derrida e a linguagem”. *CULT*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/derrida-e-a-linguagem/>. Acesso em: 12 set. 2020.

FREIRE, Cloves Thiago Dias. “Derrida e a crítica ao método estruturalista”. *PROMETEUS*, São Cristóvão, ano 10, n. 24, p. 177-192, setembro-dezembro 2017.

GOULART, Audemaro Taranto. *Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida*. Programa de Pós-graduação em Letras, Literaturas de Língua Portuguesa – PUC Minas, 2003. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121011175312.pdf. Acesso em 24 jun. 2020.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Terceira edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Disponível em: http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

PIAUI, William de Siqueira. “Derrida e a capacidade superior de formalização da literatura: uma introdução”. *PROMETEUS*, São Cristóvão, ano 10, n. 24, p. 177-192, setembro-dezembro 2017.